



**ELEIÇÕES /** Com o lançamento da pré-candidatura da senadora Simone Tebet, aumenta a pulverização de postulantes que se apresentam como alternativa à polarização Lula-Bolsonaro em 2022, mas poucos têm fôlego para assumir esse posto

# O GRANDE NÓ DA TERCEIRA VIA

» ISRAEL MEDEIROS

O desenho do que seria a chamada terceira via para as eleições de 2022 fica cada vez mais complexo. Após as prévias do PSDB indicarem o governador João Doria como o candidato do partido à Presidência, outro nome bem-visto entre políticos anunciou a entrada na corrida pelo Planalto: a senadora Simone Tebet (MDB-MS), que teve atuação destacada na CPI da Covid. Com isso, já há pelo menos sete postulantes que se colocam como alternativa à polarização entre o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o presidente Jair Bolsonaro (PL).

Única mulher na disputa até agora, Tebet é muito bem-conceituada, especialmente no Congresso. Apesar do **entreviro** que teve com a parlamentar, na semana passada, o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), também pré-candidato, só tem elogios à colega, e há sinais de que ele estaria tentando se aproximar dela para compor sua chapa como vice. Por sua vez, Doria tenta dialogar com outros candidatos para pavimentar o caminho como o candidato da terceira via.

Como obstáculo para os postulantes há o ex-ministro da Justiça e Segurança Pública Sergio Moro (Podemos). O ex-juiz da Lava-Jato é o candidato da terceira via mais bem posicionado nas pesquisas de intenção de voto. As mais recentes já o consolidam em terceiro lugar, com 10% a 13% de preferência, atrás apenas de Lula e Bolsonaro. Abaixo dele estão Ciro Gomes (PDT), Doria e Pacheco.

Moro, no entanto, nem mesmo gosta da menção “terceira via”. Em entrevista na semana passada ao **Correio**, disse ser preciso “esquecer essa expressão” porque ela “parte do pressuposto de que temos dois candidatos inevitáveis que seriam favoritos”. Ele não acredita nisso.

A ascensão do ex-juiz está no radar dos outros pré-candidatos. Desde que venceu as prévias tucanas, Doria passou a sinalizar que está aberto a uma eventual aliança com o rival do Podemos. Nesta semana, ambos firmaram um “pacto de não agressão”, mas nenhum dos dois se mostra disposto a abrir mão de liderar uma chapa no ano que vem.

Doria também chegou a fazer elogios a Pacheco e a Tebet. Ao que tudo indica, depois de se livrar do governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, seu principal adversário nas prévias do partido, agora, o gestor de São Paulo quer se enturmar.

Tanto a equipe de Doria quanto o MDB negam, no entanto, que haja qualquer tentativa de aproximação visando um acordo para que Tebet seja vice. Segundo interlocutores do governador paulista, qualquer conversa sobre o assunto só deverá se traduzir em ações por volta de abril. “Antes disso, é especulação”, disse a assessoria do gestor.

Do lado de Tebet, não há, segundo fontes no MDB, nenhuma razão para que a senadora deixe de lado uma candidatura como cabeça de chapa para integrar outra, ao lado de Pacheco ou de Doria. Isso porque, ao menos em São Paulo, antes mesmo de anunciar sua candidatura, a parlamentar aparecia tecnicamente empatada com o governador, segundo

Reprodução/YouTube



Ministro da Justiça no governo Bolsonaro, Sergio Moro aparece nas pesquisas como o nome mais forte para ser a terceira via

Reprodução/perfil no Twitter



Ciro Gomes e João Doria não chegam a dois dígitos nas pesquisas. Já Tebet iniciará agenda para se apresentar ao país

Governo do Estado de São Paulo



Sergio Lima



## Discordância

Pacheco e Tebet discutiram, na quarta-feira passada, durante a promulgação da PEC dos Precatórios, por causa do fatiamento do texto. A senadora disse que houve rompimento de um acordo. “Lamento muito que vossa excelência não tenha honrado o compromisso (de não fatiar o texto)”, criticou. “Não fiz acordo nenhum com vossa excelência”, rebateu o presidente do Senado. No dia seguinte, no seminário **Desafios 2022 — para onde vai o Brasil**, promovido pelo **Correio**, Tebet voltou à carga. Disse que a promulgação da PEC foi “imoral”. Também presente no evento, Pacheco, em sua fala, defendeu a proposta. “Foi a solução possível para solucionar o precatório e o respeito ao teto de gastos”

pesquisa Ipspe, feita no estado e divulgada na semana anterior ao anúncio da pré-candidatura dela.

Com margem de erro de 3,2 pontos percentuais, Tebet tem 2%, contra 5% de Doria. A senadora também aparece acima do senador Alessandro Vieira (Cidadania-SE), que tem 1%. Já Pacheco e o candidato do Novo, Luiz Felipe d’Avila, não pontuaram.

Ao se apresentar como pré-candidata, Tebet fez duras críticas a Bolsonaro e disse que “o povo brasileiro está morrendo de fome depois de centenas de milhares terem morrido por uma saúde pública omissa e negacionista”. A parlamentar também atacou “outsiders” e “aventureiros” da política, no que foi lido como uma referência a Moro.

## Notoriedade

Especialistas avaliam, entretanto, que uma eventual candidatura de Tebet não se sustenta, e a tendência é de que ela, assim

como Pacheco, acabe integrando outra chapa com mais chances de rivalizar com Lula e Bolsonaro. Para eles, a intenção do MDB é fazer com que a senadora ganhe notoriedade e capital político para, eventualmente, negociar com outras chapas no ano que vem.

Em nota, o MDB afirmou que Tebet é a “mais experiente e preparada” candidata entre os nomes de terceira via. “De março até agora, conversei com dirigentes do partido, que concordaram com esse desafio para 2022”, disse o presidente da sigla, Baleia Rossi (SP).

Por isso, segundo o MDB, “não faz sentido qualquer discussão, neste momento, sobre candidato a vice”. Conforme a sigla, Tebet iniciará, em breve, uma agenda pelo país para divulgar sua pré-candidatura e que a capilaridade partidária da legenda, com mais de 800 prefeitos e sete mil vereadores, “já coloca Simone como o nome mais competitivo da terceira via”.

## Um difícil acordo

Para Carlos Eduardo Borenstein, analista político na Arko Advice, o aceno entre o governador de São Paulo, João Doria (PSDB), e o ex-ministro da Justiça Sergio Moro (Podemos), visando ao pleito de 2022, é natural e ambos têm interesse em negociar, já que disputam o mesmo eleitorado. Ele não vê grandes chances, no entanto, de uma fusão das duas candidaturas. “Ambos precisam crescer sobre uma parcela do eleitorado que votou no Bolsonaro em 2018 e se afastou dele”, pontua.

O espaço que ambos deverão buscar é o da centro-direita. Tanto Doria quanto Moro, portanto, devem ser resistentes à possibilidade de retirar suas candidaturas. “Vamos ter, no mínimo, três nomes que, dificilmente, recuam. Um é o Ciro (Gomes, do PDT), outro é o Doria. Ficaria muito ruim para o partido fazer prévias e depois ceifar Doria. E o Moro entrou na disputa. É um nome que já tem 13% de intenção de voto. Se ele seguir na posição que tem hoje, dificilmente abre mão”, diz Borenstein.

O cientista político Eduardo Grin, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), também está cético com essa possibilidade, especialmente após o desempenho de Moro nas pesquisas. “Se virar o ano, e Bolsonaro continuar com derretimento, com Moro crescendo — até porque Moro pega boa parte do eleitorado de Bolsonaro —, isso pode significar um ponto de não retorno da candidatura do ex-juiz. Haverá muito empresário, militar, setores antipetistas que vão querer Moro como alternativa ao PT”, avalia.

Segundo Grin, “pelo perfil do PSDB, a chance de Doria abrir mão da candidatura é perto de zero”. “Isso cria um cenário em que o próprio Bolsonaro aposta: a fragmentação das candidaturas para ele chegar ao segundo turno”, ressalta.

Já no caso do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), o especialista acredita que o parlamentar não tem condições ou interesse de manter a candidatura. A tendência é que ele passe a integrar uma chapa mais forte, a depender das negociações feitas por Gilberto Kassab, presidente do partido.

“Um caminho bastante possível é Luiz Henrique Mandetta (União Brasil) ser vice de Moro; e Simone Tebet (MDB-MS), de Doria. Pacheco poderia ser vice de Lula”, diz o cientista político.

Leonardo Leite, doutor em administração pública e governo pela FGV, acredita que a terceira via só será viável se houver união de concorrentes, o que, segundo ele, é difícil, já que PSDB e MDB são partidos grandes, com resistência a apoiar outra candidatura.

“Acho que a terceira via só sairia do papel se os candidatos renunciassem às suas candidaturas e passassem a apoiar um nome único, único nome forte que, em tese, teria mais chances. Hoje, de acordo com as pesquisas, a projeção é de que Moro seja esse nome”, avalia. “Não vejo essa abertura para união de candidaturas, vejo que pode estar se desenhando uma fragmentação muito grande, uma dispersão entre todos esses nomes e, no fim, eles acabarão numa luta entre eles próprios, dividindo os votos e favorecendo a polarização Lula e Bolsonaro.” (IM)



**Pelo perfil do PSDB, a chance de Doria abrir mão da candidatura é perto de zero. Isso cria um cenário em que o próprio Bolsonaro aposta: a fragmentação das candidaturas para ele chegar ao segundo turno”**

**Eduardo Grin**, cientista político da FGV